



## Editorial

1968 – um ano rico em acontecimentos, criatividade e transformações, foi também um ano de inconformismo, de rebeldia e de sangue. Confrontos com a polícia, manifestações de indignação com os sistemas políticos vigentes, com as ditaduras econômicas, de gênero, de raça, de sexo, de comportamento e uma inexplicável sintonia mundial de ideais. Ainda hoje, 40 anos depois, tentamos dar sentido e tirar até a última gota de compreensão do que foi aquele ano que modificou o pensamento e o modo de ver o mundo. Fernanda Marinho comenta, com maestria, a atividade “Psicanálise e Cinema” do mês de junho, quando se homenageou o aniversário deste ano emblemático das liberdades.

Ainda sobre este mesmo assunto, há que se fazer dois breves comentários: o primeiro é um agradecimento a lembrança do aluno Antônio Cláudio Mendes Ribeiro, que sugeriu o tema, e ao organizador Luiz Fernando Gallego, que o tornou real. O segundo, vem do fundo do coração, foi a alegria de rever o amigo Wellington Dantas, corajoso e vivaz, presente ao evento. A noite foi memorável!

Voltando à rotina, podemos dizer que junho foi um mês dinâmico, o Instituto esteve a todo vapor: “Supervisão entre pares”, “Jornada de supervisões cruzadas”, leia na pág. 03.

Além de notícias sobre os últimos acontecimentos e novidades para os próximos meses, informamos que, neste número e no seguinte, publicaremos entrevistas com o Dr. De Masi e a Dra. Marília Aisenstein, um a cada tempo respectivamente. Estes dois clínicos e pesquisadores das questões do sujeito contemporâneo demonstraram vasta e consistente experiência na clínica psicanalítica, como também, no campo teórico, por ocasião da II Conferência Internacional da Clínica Psicanalítica. Foi a partir daí, que surgiu o interesse de entender o diálogo para o IA. As colegas da SBPRJ, Priscilla Cápua Maia, Sonia Bromberg e Valéria Clark, contribuíram imensamente enviando questões.

Wania M C F Cidade



Debate sobre “Memória do Movimento Estudantil”



Lanche da “Supervisão entre pares”

Fotos Wania Cidade

## Memória do Movimento Estudantil

A última sessão, em 13 de junho último, coordenada por Luiz Fernando Gallego, foi dedicada à comemoração dos 40 anos de “maio de 68”, com reflexões que deram ênfase ao espírito de 1968 no Brasil, a partir da exibição de dois média-metragens de Silvio Tendler – “Ou Ficar a Pátria Livre ou Morrer pelo Brasil” e “O Afeto que se Encerra em Nosso Peito Juvenil”, feitos para o projeto “Memória do movimento estudantil”.

Participaram da mesa Aloysio Teixeira – reitor da UFRJ, Arthur Poerner – jornalista, escritor, autor de “O poder jovem”, Jean-Marc van der Weid – presidente da UNE na época e Ney Couto Marinho, todos com história de intensa militância no movimento estudantil, na ocasião, o principal esteio da resistência aos anos de opressão, uma vez que os movimentos sindicais e político-partidários haviam sido desarticulados pela forte repressão às suas lideranças, que se encontravam no exílio ou na clandestinidade.

Os documentários de Silvio Tendler têm seu grande mérito, segundo o crítico de cinema Carlos Alberto de Mattos, e como pudemos constatar, não propriamente na forma estética, mas na valiosa recuperação histórica que faz. Também é o crítico que afirma que Tendler mergulha no tema guiado pela emoção e, é assim que se passa essa grande noite, guiada pela emoção. Com a presença de cerca de 70 participantes, sendo muitos antigos companheiros de militância política, as discussões se estenderam até meia-noite.

A ênfase da fala inicial de Aloysio Teixeira é dada ao que observa como um declínio progressivo do movimento estudantil, que ameaça, inclusive, a sua continuidade. Isto, mais tarde, vai dar margem a amplo debate. Menciona que acompanha, por razões familiares – embora não referido por Aloysio, depois

vai ser lembrado o fato de que é filho do Brigadeiro Teixeira, oficial legalista, famoso por sua defesa da ordem democrática - a política brasileira desde muito jovem e, em consequência, as diversas tentativas de golpe militar que antecederam o de 64, que está na raiz dos acontecimentos de 68 no Brasil. Faz, também, um comovente elogio a Jean-Marc, seu companheiro de prisão na época da repressão, pela brava resistência às torturas que sofreu.

Arthur Poerner percorre a sua trajetória pessoal até o exílio na Alemanha, história emblemática que traduz a luta pelos ideais que marcaram a época e as consequências nefastas da opressão ditatorial. Expressão expoente desta, a demolição da sede da UNE, no Flamengo, registrada no filme de Tendler, encontra em Poerner uma presença atuante, que acompanhamos na tela, tanto na oposição a esta, como na recente e bem sucedida luta pela posse e reconstrução. Vemos que aqui se distancia da visão de Aloysio quanto ao destino do movimento estudantil, embora se defina como um otimista incurável. Foi o autor do primeiro livro sobre o movimento estudantil – *O Poder Jovem* – que, no ano de sua publicação, foi censurado e teve sua difusão proibida. Jean-Marc van der Weid é um dos entrevistados no documentário. Assim como em seu depoimento, faz questão de frisar que há experiências boas no exílio que coexistem com o sofrimento, e que raramente são mencionadas: a hospitalidade, a solidariedade, os laços estreitos de amizade; transmite um sentimento de gratidão que trairia, caso não lhes fizesse alusão. Foi presidente da UNE na época mais dura da repressão. Estudante de química quando banido do Brasil, tornou-se engenheiro agrônomo no estrangeiro e hoje, fiel aos mes-

[continua na pág. 6]

## Conversa com De Masi Psicanalista Italiano

De Masi foi um dos conferencistas convidados para *II Conferência da Clínica Psicanalítica*, ocorrida em abril desse ano. Na ocasião, dispôs-se a conversar com alguns colegas interessados sobre suas pesquisas e experiência clínica.

Aproveitamos para agradecer a Dra. Marta Petriciani, da SBPSP, pela sua imensa colaboração com a tradução.

Boa leitura!

### Perguntas de Sonia Bromberger

- *Quais lhe parecem ser os maiores desafios da clínica psicanalítica neste Século XXI?*

- *O que é para você instigante e/ou desafiante no campo da Psicanálise na contemporaneidade, seja na teoria, seja na clínica?*

*Desdobrando a questão:*

- *Dado que temos alunos em formação no nosso Instituto, que palavras endereçaria a um jovem analista?*

Eu penso que os desafios que a psicanálise tem de enfrentar nesse século podem ser considerados diferentes dos que enfrentou em suas origens. A obra de Freud ampliou de forma revolucionária a visão do homem a respeito do homem, conseguindo transformar a forma de se relacionar dos indivíduos entre si, especialmente no campo da educação e das relações emocionais. Visto que nosso próprio modo de vida modificou-se, justamente graças a uma nova visão da vida favorecida pela contribuição psicanalítica, é provável que a psicanálise tenha em grande parte realizado (exaurido) essa tarefa. Naturalmente, o âmbito das contribuições psicanalíticas é potencialmente sem limites e existem, mesmo agora, transformações sociais em que a investigação analítica permanece preciosa [penso no impacto que a tecnologia tem sobre a mente e sobre as potencialidades do homem, nas novas formas de transformação de algumas funções corpóreas ou reprodutivas ou nas novas expressões de destrutividade em nível planetário, como o terrorismo, especialmente o suicida]. Considero, todavia, que o tipo de estudo, inaugurado por Freud, que tem como objeto a condição humana e o conflito entre natureza e cultura, perdeu o caráter revolucionário e realmente inovador que teve nas primeiras décadas do desenvolvimento psicanalítico. Qual é então o verdadeiro desafio que aguarda a psicanálise? Eu penso que se a psicanálise quer sobreviver a si mesma, deve ampliar o seu campo de ação terapêutico. O próprio Freud tirava suas intuições do trabalho clínico e tinha uma constante atenção às comunicações do paciente. O que poderia ter sido a psicanálise sem a observação e a constante validação clínica? O risco que eu vejo na psicanálise atual é o de um fechamento em si mesma. Paradoxalmente, em muitos trabalhos clínicos, fala-se mais do analista, de seu estado mental, de suas fantasias e menos do paciente. Se este é mencionado é justamente o *paciente* e não um indivíduo específico com seu sofrimento e uma sua específica configuração psicopatológica. Nós somos confrontados cotidianamente com o desenvolvimento científico e com a prática clínica de outras disciplinas. Refiro-me particularmente às neurociências ou às terapias comportamentais. Muitas jovens inteligências se dirigem a estes campos de indagação mais do que à psicanálise pelo fato dos primeiros parecerem mais abertos ao conhecimento científico e à eficácia terapêutica. Eu penso, ao contrário, que a disciplina psicanalítica, se usada de forma adequada, é um instrumento de pesquisa e de terapia insubstituível e a única que dá a possibilidade de intuir os misteriosos processos que dão significado à existência e que produzem o sofrimento psíquico.

A minha convicção é de que no campo dos quadros psicopatológicos graves [as perversões, estados *borderline* ou psicoses] que se dará a cartada da confiabilidade do instrumento analítico do futuro. Se a psicanálise entrar com convicção nesta linha de investigação, de conhecimento e criativa, ao mesmo tempo, ela se encontrará também com a investigação neurocientífica [cada uma das duas disciplinas permanecendo no seu âmbito epistemológico específico]. Se a patologia grave nasce de uma área pré-verbal e pré-simbólica a psicanálise precisa ficar atenta ao que as neurociências descobrem ou desenvolvem. Isto, não para mudar o seu método terapêutico, mas para entender como as estruturas psicopatológicas são tenazes, dificilmente transformáveis e estão ligadas a mecanismos muito primitivos.

O que eu diria a um jovem estudante? Lembrar-lhe-ia, em primeiro lugar, uma frase de Bion que diz mais ou menos assim: "*Somente depois que você se qualificou [como analista] é que você tem a possibilidade de se tornar analista*".

Em outras palavras, a psicanálise abre em cada um de nós um processo de conhecimento potencialmente sem limites. A beleza da nossa profissão consiste justamente no fato que através do encontro com os nossos pacientes nós nos desenvolvemos constantemente. Ampliamos nosso mundo interior, refletimos criativamente sobre nossas emoções e desenvolvemos constantemente nossas qualidades profissionais. Se fomos particularmente tenazes conseguimos inclusive dar uma contribuição criativa à própria psicanálise ampliando o seu campo de aplicabilidade. É, portanto, uma profissão fascinante que pode nos manter vivos até o último instante da vida. O elemento essencial para que isso aconteça é que cada um de nós sinta ter feito uma boa análise pessoal, isto é, ter se encontrado com a verdade sobre si mesmo. Só se tivermos uma boa experiência analítica é que poderemos valorizar esta atitude mental para o resto da vida.

### Perguntas de Valéria Clark

- *Como o Senhor (a) vê a situação atual da formação psicanalítica em alguns países, em que se registra uma procura bem diminuída de candidatos? É um problema da concorrência de outras formas de terapia, falhas das próprias instituições psicanalíticas ou uma situação temporária?*

- *Em seu livro "A perversão sadomasoquista" [1999], o senhor comenta sobre a presença de pais frios e distantes na infância de alguns pacientes perversos favorecendo a maturação secreta da perversão. Como manter a neutralidade analítica no tratamento destes pacientes sem cair no risco de repetir esta situação?*

A perda de vocações para a psicanálise é um problema bastante complexo que deriva de muitos fatores. Eu penso que em primeiro lugar deveríamos nos perguntar se nas últimas décadas, na psicanálise, não houve de fato uma queda de criatividade. Para responder a essa pergunta deveríamos tentar sair da experiência muito confortável que respiramos nos nossos Congressos ou nos afastarmos dos relatos auto-confirmadores que se lêem nos nossos livros de psicanálise. A meu ver, a psicanálise contemporânea deve encontrar novamente a coragem de se colocar perguntas verdadeiras e corajosas para voltar a descobrir a necessidade de um ulterior desenvolvimento criativo. Aos olhos de muitos que vivem fora das instituições psicanalíticas, a psicanálise parece uma disciplina superada, fechada nas próprias escolas e de pouca eficácia terapêutica.

Para responder à questão sobre a perversão, devo reafirmar que, do meu ponto de vista, viver em um ambiente frio sem afetivo favorece na criança o retiro a estados de

## BIBLIOTECA

### LIVROS

BERENSTEIN, Isidoro. *Del ser al hacer: cursos sobre vincularidad*. Buenos Aires: Paidós, 2007. 183p.

BERENSTEIN, Isidoro. *Devenir otro con otros: ajenedad, presencia, interferencia*. Buenos Aires: paidós, 2004. 228p.

BERENSTEIN, Isidoro; Puget, Janine. *Lo vincular: clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: paidós, 2007. 357p.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidad*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 170p.

DEL NERO, Sonia. *Psicanálise da relações familiares*. São Paulo: Vetor, 2005. 230p.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. 287p.

MCGOLDRICK, Monica. *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003. 505p.

MEIRA, Yolanda Mourão (Org.). *O porão da família: ensaios de psicanálise*. São Paulo: casa do Psicólogo, 2003. 300p.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; CLAVAI ROLLE, François. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005. 140p.

POLITY, Elizabeth; SETTON, Marcia Zalman; COLOMBO, Sandra Fedullo (org.). *Ainda existe a cadeira do papai?* Conversando sobre o lugar do pai na atualidade. São Paulo: vetor, 2004. 290p.

ROJAS ACOSTA, Ana; VITALE, Maria Amalia Faller (org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3. ed. São Paulo: Cortez Ed., 2007. 316p.

RUSTIN, Michael. *A boa sociedade e o mundo interno: psicanálise, política e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 282p.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2007. 206p.

**CONSELHO DIRETOR 2007/2008**

Presidente: **Altamirando Matos de Andrade Jr.**

Vice-Presidente: **Maria Helena Rego Junqueira**

1º Secretário: **Bernard Miodownik**

2º Secretário: **Mariza Dutra d'Abreu**

1º Tesoureiro: **Leticia Tavares Neves**

2º Tesoureiro: **Márcia Machado De La Cal**

Diretor do Instituto: **Sônia Eva**

**Tucherman**

Vice-Diretor do Instituto: **Ruth Lerner**

**Froimitchuk**

Secretária do Instituto: **Miriam**

**Fichman Fainguelernt**

Diretor do Conselho Científico: **Maria da Conceição Moraes Davidovich**

Secretário do Conselho Científico: **Luis Fernando Guedes Gallego Soares**

**Soares**

Diretor do Conselho Profissional: **Sérgio Eduardo Nick**

**Secretária do Conselho Profissional: Maria Regina H. Newlands Trotto**

Diretor da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: **Admar Horn**

Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: **Ruth Naidin**

**Naidin**

Deptº. de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação:

Diretor: **Wania Maria C. F. Cidade**

Secretária: **Munira Aiex Proença**

**Soares**

Deptº de Difusão da Formação Psicanalítica:

Diretor: **Giorgio Trotto**

Secretária: **Flavia Costa Strauch**

**Strauch**

**REVISTA TRIEB**

Editores: **Fernando Rocha, Marci Doria**

**Passos e Viviane Frankenthal**

Assessora Editorial: **Munira Aiex proença**

**proença**

**INTERVALO ANALÍTICO**

Editora: **Wania Maria C. F. Cidade**

Co-Editora: **Christina Nicoll S. Cavallari**

**Cavallari**

Projeto Gráfico: **Celyne Alvim**

Secretária: **Celyne Alvim**

**Alvim**

**Roster****Psic. Karla Loyo**

Residência: **Praia do Flamengo**

**268 / 502 Tel : 3235-5787**

Consultório: **R. Jardim Botânico, 700/622**

**Tel.: 3114-0065 - 9761-1665**

**Psic. Lucia Palazzo**

Residência e Consultório

**Rua Aperana, 38/602, Leblon**

**Tels.: res. 2529-2941**

**Tel. cons.3204-9248**

**Dra. Isabela Falcato**

**ifalcato@uol.com.br**

**Dr. Lidio José S. Mendes**

**lidiojm@gmail.com**

**Dra. Mª Elena S. de Brito**

**mariaelenasalles@uol.com.br**

**Psic. Maria Elisa Alvarenga**

**m.elisaalvarenga@gmail.com**

**Psic. Sheila Geller**

**sheilageller@hotmail.com**

**Dra. Cristina Luce**

**Residência 2295-7690**

**Cel.: 9854-3002**

mos ideais, participa de uma ONG que assessora assentamentos agrícolas. Lembra que uma das reivindicações das passeatas de 68 era a sua libertação, o que não ocorreu, sendo somente liberto na troca pelo embaixador alemão seqüestrado. Pertencia, na ocasião, à Ação Popular – organização originária dos movimentos católicos de esquerda, a qual pertencia, também, José Serra, último presidente da UNE legal. Em 68, a AP tendia a apoiar a luta armada, enquanto o PCB defendia a luta política. Apesar dessa divergência, trabalhavam juntos nas manifestações daquele ano. Ney Marinho, em sua intervenção, se propõe a responder a questão: o que a psicanálise tem a ver com 68? Lembra que a reunião foi organizada a partir da solicitação de um aluno do Instituto – Antonio Cláudio Mendes Ribeiro – embora notasse pequena presença de alunos, observando, em contraste, o grande comparecimento dos remanescentes de 68. Continua, lembrando que 3 Ms dominavam aquele ano: Marx, Mao-tse-tung e Marcuse, sendo este último considerado por todos os historiadores do movimento como o seu grande ideólogo. O livro-bíblia de 68 era *Eros e Civilização*, cujo sub-título é: *uma pesquisa filosófica a partir de Freud*. Embora pouco lido e muito citado, suas idéias eram de fato a tônica das reivindicações de então: desde a liberdade sexual, ao questionamento do trabalho alienado e da sociedade de consumo. Tudo isso a partir de Marx e Freud, na leitura de Marcuse. Enfatiza Ney que, independente de discordâncias que cada um possa ter com sua leitura, Marcuse era, sem dúvida, um nome da maior respeitabilidade filosófica, tendo na época 70 anos (!) e um longo trajeto na Escola de Frankfurt. Aproveita, também, para rememorar a organização e participação dos psiquiatras e médicos na passeata dos cem mil, homenageando velhos companheiros do PCB já falecidos, como Maurício Schiller e Cláudio Macieira, com quem trabalhou nessa mobilização, recordando estar naquele momento o CRM sob intervenção, que seria seguida da suspensão de seu funcionamento por cerca de 10 anos! Assim, a concentração dos médicos para a passeata foi na porta do CRM, na Cinelândia.

Uma das perguntas da platéia foi sobre o que teria motivado a suspensão das atividades do CRM; lembrou-se que mais tarde haveria comprometimento de médicos com laudos falsos ligados à tortura e assassinatos e, por isso mesmo, muito incômoda seria a vigência de um Conselho atuante; parece ter sido uma atitude precavida da ditadura.

A questão levantada por Aloysio quanto ao declínio do movimento estudantil levou tanto a intervenções de apoio – sendo lembrada a crise atual de valores humanistas e a cultura do narcisismo característica da contemporaneidade – como de oposição – sendo referidos diversos movimentos organizados e criativos de jovens, principalmente das classes menos favorecidas.

O que faz com que acontecimentos díspares, em lugares os mais diversos e estranhos uns aos outros, possam ser reconhecidos quando englobados sob a emblemática expressão “maio de 68”? O fenômeno “maio de 68”, a rigor, foi maio em Paris; janeiro no Vietnã, com a ofensiva do Tet; março na Tchecoslováquia, com a primavera de Praga; a passeata dos 100.000 em junho no Rio de Janeiro; nos Estados Unidos, a insurgência dos jovens contra os conflitos raciais e a guerra do Vietnã, o que impulsionaria a candidatura democrata, resultando no assassinato de dois

símbolos e esperanças da América jovem: Martin Luther King, em abril, e Bob Kennedy, em maio; o massacre dos estudantes na Praça das Três Culturas em outubro, no México... Com perfis próprios, histórias distintas, mas todos caracterizados pela defesa de ideais libertários contra a imposição de forças opressivas, autoritárias e dogmáticas. Diversas visões surgiram ao final da reunião, deixando em todos uma forte impressão da diversidade, emoção e solidariedade de uma geração que soube superar os difíceis, mas também românticos e empolgantes anos de luta contra a opressão, sem ressentimentos e com uma realista e unânime esperança de continuar tentando construir um mundo melhor.

Fernanda Marinho

## Programação Científica Agosto 2008

**Reunião Científica I**

Dia 07/08 “A hipótese de duas linhas de desenvolvimento independentes à luz do conceito de narcisismo em Freud. Apresentador: Gilberto Vilella.

**Reunião Científica II**

Dia 09/08 “O estudo de uma mente destrutiva (Lendo os diários de Goebbels)”. Apresentadores: Henrique Honigsztejn e Sergio Paulo Rouanet. Coordenador: Altamirando Andrade.

**Fórum Livre de Psicanálise**

Dia 21/08 Fórum Livre de Psicanálise. Apresentador: Carlos Doin.

**II Encontro Clínico**

Dias 22 e 23/08 Material de Admar Horn comentado por colegas de diversas escolas psicanalíticas. A programação será divulgada posteriormente..

**Reunião Científica II**

Dia 28/08 “Transferência como recurso de trabalho psicanalítico. Apresentadora: Iara Soares Borges (Restrita aos membros e alunos SBPRJ)..

## Reunião Científica

No dia 29 de maio, Maria Inês Escostegy apresentou seu trabalho teórico-clínico: “Três meninos e suas histórias: alimentação atípica e relações primitivas” elaborado com primor. Houve um diálogo pluralista, vivo e de alto nível de profundidade. O auditório, repleto de alunos e membros das diferentes escolas psicanalíticas, refletia o prestígio de nossa colega, estudiosa e conhecedora da teoria e prática Kleiniana.

Para aqueles que não puderam comparecer recomendo que solicitem o trabalho na biblioteca e que desfrutem do olhar clínico investigativo. Embasada teórica e clinicamente, Maria Inês mostrou que há diferença nos casos de alimentação atípica entre meninos e meninas, relacionada com dificuldades em diferentes fases do desenvolvimento mental.

Tivemos a demonstração *ao vivo* de que num diálogo em que reine o respeito entre as diferentes linhas teóricas da psicanálise, o resultado é uma troca rica e de alto nível.

Parabéns!

Simone Grinapel Prais

## XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise

O Congresso será realizado no Rio de Janeiro, de 29 de abril a 02 de maio de 2009, no hotel Intercontinental Rio -São Conrado. O tema oficial do congresso será **COMPULSÃO**. A escolha do tema está relacionada aos 100 anos de publicação dos trabalhos sobre os sintomas obsessivos compulsivos e fóbicos, escritos por Freud: *O Homem dos Ratos* e *O pequeno Hans*, o tema nos permite e permite-nos abordar os mais variados tipos de compulsões da vida atual como as alimentares, a sexual, as drogadições, automutilações compulsivas, o *workholismo*, as obsessões pela estética do corpo, as compras excessivas, etc.

O Congresso visa estimular um intenso debate, inclusive com outras áreas como a psiquiatria, as neurociências e outras mais, com o intuito de trocarmos a experiência de como os sintomas obsessivos compulsivos e fóbicos têm se manifestado na clínica atual.

No pré-congresso didático será discutido se a formação atende às necessidades do psicanalista da clínica atual. Haverá duas mesas onde será abordado como conciliar as teorias da psicanálise do século XIX com a clínica do século XXI.

Maria Conceição Davidovich

## Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Este ano o NUPES obteve regulamentação jurídica com a aprovação do seu estatuto, tendo como seus fundadores: Iara Borges, Oscar Correra, Giorgio Trotto, Regina Trotto, Flavia Strauch, Nadia Franco e mais dez membros.

O NUPES organizou o curso de Desenvolvimento Emocional da Criança [da gestação à idade pré-escolar] nos moldes do mesmo curso da SBPRJ em parceria com a UNIMED, a Universidade Salesiana do Espírito Santo e a interlocução do Departamento de Difusão e Formação Psicanalítica da SBPRJ. Os professores coordenam mensalmente os seminários com a presença de mais de quarenta alunos inscritos. Além disso, cinco colegas do NUPES estão fazendo a observação de bebês sendo supervisionados pelos professores do curso.

Há pedidos de supervisão dos participantes do curso e dos membros do NUPES, o que caracteriza um gratificante retorno ao investimento proposto.

Regina Trotto desde 2007 tem ido quinzenalmente a Vitória atender alguns pacientes, sua presença, aliada às atividades mencionadas, mostram o interesse pela psicanálise em solo capixaba.

Parabenizamos o NUPES na figura de sua presidente, Iara Borges, por esse desenvolvimento promissor.

Giorgio Trotto  
Flavia C. Strauch

## Psicanalista de Crianças e Adolescentes

O Instituto informa que estão abertas as inscrições para o curso de formação de psicanalista de crianças e adolescentes. Informações com Eliane Pessoa e Madalena Maciel.

## Tem na Biblioteca

Muito recentemente, recebemos em doação do próprio autor o livro "Nos habíamos choleado tanto - Psicanálise e racismo".

O autor é o psicanalista peruano Jorge Bruce, também escritor e colunista de periódico, que desenvolve neste livro uma estimulante e bem fundamentada discussão sobre o racismo, desde uma perspectiva psicanalítica.

O ponto de partida é o "cholo", o mestiço peruano, que ainda hoje em seu país sofre intensa discriminação racial, cujo nome deu origem ao neologismo "cholear". O título do livro parafraseia o belo filme de Ettore Scola, "Nos havíamos amado tanto", "em alusão aos componentes afetivos do vínculo social peruano que se encontram subsumidos no neologismo "cholear".

O autor se surpreende que, dada a intensidade do racismo na sociedade peruana, os psicanalistas não tivessem ainda se ocupado mais profundamente de uma reflexão sobre o tema.

É uma leitura recomendável a todos que se interessam pela articulação entre psicanálise e cultura, em seus desdobramentos possíveis.

Maria Helena Junqueira

## Café Literário

Os encontros de maio e junho no Café Literário, como de costume, trouxeram boas leituras e ótimas discussões. Em maio fomos surpreendidos com um conto bastante inusitado para quem está mais familiarizado com o tom carregado de humor de Veríssimo. O conto "Isabel" estava mais para o trágico, ainda que não abrisse mão de um certo humor negro. Pra compensar outros dois contos do mesmo autor, trazidos por Nélia Antunes e Zé Cândido, garantiram boas risadas. No mais, o clima dos textos permaneceu denso, com contos de Edgar Telles Ribeiro, Miguel de Souza Tavares e Ferreira Gullar, lidos por Cecília Brandão, Sonia Bromberger e Sandra.

Em junho, o colega Darwin nos apresentou Santiago Kovadloff, filósofo uruguaio, autor de "O Silêncio Primordial" de onde ele recortou, em homenagem aos namorados, textos do capítulo: "O silêncio dos amantes", poético e hermético. Sonia Eva lembrou então ter participado de uma mesa de psicanálise com o autor, como sintetizadora e concordou quanto à complexidade de seu pensamento. Como contraponto à erudição, Zé Cândido, fez a propaganda do lançamento do livro de seu genro, Cláudio Costa Filho, "A Filosofia do Óbvio", onde pérolas do bom senso são descritas em linguagem acessível e agradável, inspirando nosso decano a desfilar suas histórias igualmente agradáveis e interessantes. Nélia leu trechos de um conto de Lia Luft "A Pedra da Bruxa", suscitando acalorada discussão sobre as vicissitudes da maternidade, paternidade. Sandra leu Machado e Sonia, mais uma vez, alegrou-nos com seu talento no trágico "Etelvina". Ficou faltando tempo, pois ainda havia literatura. Fica para o próximo...

## Divagar é Preciso

Rio das Flores  
Autor: Miguel de Souza Tavares  
Editora: Cia das Letras

Miguel de Souza Tavares é o autor de Equador, um livro que o recomenda como um bom contador de histórias. No caso de Rio das Flores, o romance se inicia em Portugal em 1915 e termina num entrelaçamento econômico entre Portugal e Brasil no meio deste mesmo século.

O livro relata a vida de uma abastada família de um fazendeiro do oeste de Portugal, sendo que o mais velho dos filhos se torna sócio de um empreendimento no Brasil, e por necessidade de gestão ele tem que vir ao Brasil, fazendo a primeira viagem a bordo do dirigível alemão Graf Zepelim.

O jovem fica encantado com a terra, na qual acaba se fixado para toda a vida numa aventura política, familiar e econômica muito saborosa, que pode se pensar até quando não seria a aventura de muitos portugueses que vieram para o Brasil.

O romance é escrito no português da terrinha, o que lhe dá um sabor todo especial quando se refere, por exemplo, aos "miúdos" em vez de crianças.

José Cândido Bastos

## Errata

No Intervalo Analítico, n. 2, abril de 2008, leia-se: A colega Anna Lúcia Melgaço é o novo membro de enlace da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro junto ao Committee of Women and Psychoanalysis - COWAP - da IPA, e não Analytic Practice and Scientific Committee conforme foi publicado.